

Número Especial - Abril/Junio 2017

**REVISTA**  
**Ciencias de la Documentación**

ISSN 0719-5753

**ciKi**

*VI Congreso Internacional*  
*De Conocimiento e Innovación*

**221 B**

**WEB SCIENCES**

221 B WEB SCIENCES

SANTIAGO — CHILE

**CUERPO DIRECTIVO**

**Directora**

**Carolina Cabezas Cáceres**  
*221 B Web Sciences, Chile*

**Subdirector**

**Eugenio Bustos Ruz**  
*221 B Web Sciences, Chile*

**Editor**

**Juan Guillermo Estay Sepúlveda**  
*221 B Web Sciences, Chile*

**Cuerpo Asistente**

**Traductora: Inglés**

**Pauline Corthorn Escudero**  
*221 B Web Sciences, Chile*

**Traductora: Portugués**

**Elaine Cristina Pereira Menegón**  
*221 B Web Sciences, Chile*

**Portada**

**Felipe Maximiliano Estay Guerrero**  
*221 B Web Sciences, Chile*

Asesoría Ciencia Aplicada y Tecnológica:

**221 B Web Sciences**

Santiago – Chile

Revista Ciencias de la Documentación  
Representante Legal  
Juan Guillermo Estay Sepúlveda Editorial

**COMITÉ EDITORIAL**

**Dra. Kátia Bethânia Melo de Souza**  
Universidade de Brasília – UNB, Brasil

**Dr. Carlos Blaya Perez**  
Universidade Federal de Santa María, Brasil

**Ph. D. France Bouthillier**  
MgGill University, Canadá

**Dr. Juan Escobedo Romero**  
Universidad Autónoma de San Luis de Potosí,  
México

**Dr. Jorge Espino Sánchez**  
Escuela Nacional de Archiveros, Perú

**Dra. Patricia Hernández Salazar**  
Universidad Nacional Autónoma de México, México

**Dra. Trudy Huskamp Peterson**  
Certified Archivist Washington D. C., Estados  
Unidos

**Dr. Luis Fernando Jaén García**  
Universidad de Costa Rica, Costa Rica

**Dra. Elmira Luzia Melo Soares Simeão**  
Universidade de Brasília, Brasil

**Lic. Beatriz Montoya Valenzuela**  
Pontificia Universidad Católica del Perú, Perú

**Mg. Liliana Patiño**  
Archiveros Red Social, Argentina

**Dr. André Porto Ancona Lopez**  
Universidade de Brasília, Brasil

**Dra. Glaucia Vieira Ramos Konrad**  
Universidad Federal de Santa María, Brasil

**Dra. Perla Olivia Rodríguez Reséndiz**  
Universidad Nacional Autónoma de México, México

**COMITÉ CIENTÍFICO INTERNACIONAL**

**Dr. Héctor Guillermo Alfaro López**  
Universidad Nacional Autónoma de México, México

**Dr. Eugenio Bustos Ruz**  
Asociación de Archiveros de Chile, Chile

**Ph. D. Juan R. Coca**  
Universidad de Valladolid, España

**Dr. Martino Contu**  
Università Degli Studi di Sassari, Italia

**Dr. José Ramón Cruz Mundet**  
Universidad Carlos III, España

**Dr. Carlos Tulio Da Silva Medeiros**  
Instituto Federal Sul-rio-grandense, Brasil

**Dr. Andrés Di Masso Tarditti**  
Universidad de Barcelona, España

**Dra. Luciana Duranti**  
University of British Columbia, Canadá

**Dr. Allen Foster**  
University of Aberystwyth, Reino Unido

**Dra. Manuela Garau**  
Universidad de Cagliari, Italia

**Dra. Marcia H. T. de Figueredo Lima**  
Universidad Federal Fluminense, Brasil

**Dra. Rosana López Carreño**  
Universidad de Murcia, España

**Dr. José López Yepes**  
Universidad Complutense de Madrid, España

**Dr. Miguel Angel Márdero Arellano**  
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e  
Tecnologia, Brasil

**Lic. María Auxiliadora Martín Gallardo**  
Fundación Cs. de la Documentación, España

**Dra. María del Carmen Mastropiero**  
Archivos Privados Organizados, Argentina

**Dr. Andrea Mutolo**  
Universidad Autónoma de la Ciudad de  
México, México

**Mg. Luis Oporto Ordoñez**  
Director Biblioteca Nacional y Archivo  
Histórico de la Asamblea Legislativa  
Plurinacional de Bolivia, Bolivia  
Universidad San Andrés, Bolivia

**Dr. Alejandro Parada**  
Universidad de Buenos Aires, Argentina

**Dra. Gloria Ponjuán Dante**  
Universidad de La Habana, Cuba

**Dra. Luz Marina Quiroga**  
University of Hawaii, Estados Unidos

**Dr. Miguel Ángel Rendón Rojas**  
Universidad Nacional Autónoma de México, México

**Dra. Fernanda Ribeiro**  
Universidade do Porto, Portugal

**Dr. Carlos Manuel Rodríguez Arrechavaleta**  
Universidad Iberoamericana Ciudad de México, México

**Dra. Vivian Romeu**  
Universidad Iberoamericana Ciudad de México, México

**Mg. Julio Santillán Aldana**  
Universidade de Brasília, Brasil

**Dra. Anna Szlejcher**  
Universidad Nacional de Córdoba, Argentina

**Dra. Ludmila Tikhnova**  
Russian State Library, Federación Rusa



## Indización

Revista Ciencias de la Documentación, se encuentra indizada en:



CATÁLOGO



CENTRO DE INFORMACION TECNOLOGICA



ISSN 0719-5753 - Número Especial / Abril – Junio 2017 pp. 35-43

## **A ECONOMIA CRIATIVA NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO URBANO BASEADO EM CONHECIMENTO**

**Drda. Mônica Ramos Carneiro**

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
moni.carneiro@hotmail.com

**Mg. Renan Binda**

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
renanbinda1@gmail.com

**Dr. Eduardo Moreira da Costa**

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
educostainovacao@gmail.com

**Dra. Vania Ribas Ulbricht**

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
ulbricht@floripa.com.br

**Fecha de Recepción:** 28 de enero de 2017 – **Fecha de Aceptación:** 15 de marzo de 2017

### **Resumo**

O presente estudo busca compreender o papel da economia criativa no desenvolvimento urbano baseado em conhecimento - DBUC. Para atingir esse objetivo foi feita uma revisão da literatura sobre o DUBC e também sobre a economia criativa, passando pelas definições de criatividade, classe criativa, entre outros. O desenvolvimento urbano baseado em conhecimento é uma abordagem estratégica que visa tornar os espaços urbanos compatíveis com a economia do conhecimento. A economia criativa procura impulsionar o desenvolvimento sustentável das cidades e promover criatividade, conhecimento, inclusão social e diversidade cultural. Dessa forma uma cidade que está se desenvolvendo norteadas pelas dimensões do DBUC tem como questão central o desafio de atrair e reter as pessoas que compõem a economia criativa.

### **Palavras-Chaves**

Economia criativa – Desenvolvimento urbano baseado em conhecimento – DUBC  
Desenvolvimento sustentável

### **Abstract**

This study seeks to understand the role of the creative economy in Knowledge based urban development - KBUD. To achieve this goal was made a review of the literature on the DUBC and also about the creative economy, through the creative settings, creative class. Knowledge based urban development is a strategic approach that aims to make urban spaces compatible with the knowledge economy. Creative economy seeks to boost the sustainable development of cities and promote creativity, knowledge, social inclusion and cultural diversity. Thus a city that is developing guided by KBUD dimensions has as a central issue which is the challenge to attract and retain the people who make up the creative economy.

### **Keywords**

Creative economy – Urban development based on knowledge – KBUD – Sustainable development

## 1.- Introdução

O desenvolvimento urbano baseado em conhecimento – DUBC – é um modelo de desenvolvimento estratégico que procura fazer com que os espaços urbanos sejam compatíveis com a economia do conhecimento (CABRITA et. al., 2013). Nesse contexto uma cidade é planejada para abrigar as indústrias intensivas em conhecimento e as pessoas que fazem parte dela. A classe criativa representa uma forma de capital que traz benefícios econômicos e uma parte muito forte na constituição da população em uma cidade que se desenvolve com base nos princípios do DUBC.

Considerar fatores como território, tolerância e talento, a partir de Florida (2002), no plano estratégico de desenvolvimento urbano, DUBC, faz com que as dimensões do plano estratégico sejam desenvolvidas de forma integrada e com um mesmo enfoque. Por exemplo, o desenvolvimento sociocultural ao considerar os três fatores pode apresentar relações de convívio harmoniosas entre os indivíduos, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento econômico, também considerando os três fatores, pode oferecer um comportamento econômico compatível com aquela economia, assim como o desenvolvimento institucional.

A integração entre o capital criativo, a qualidade de vida e a competitividade faz da indústria criativa um fator que deve ser considerado primordialmente no planejamento de uma cidade ou região que visa o desenvolvimento baseado em conhecimento.

## 2.- Desenvolvimento urbano baseado em conhecimento

O Desenvolvimento Urbano Baseado em Conhecimento – DUBC – é uma nova perspectiva para o desenvolvimento urbano, que busca a transformação do conhecimento em desenvolvimento local, fomentando o desenvolvimento sustentável, o ordenamento sócio espacial justo, boa governança e prosperidade econômica (YIGITCANLAR, 2011, 2014). As publicações sobre esse assunto datam a partir do ano de 2008 e estão focadas na forma em como o conhecimento é produzido e utilizado para o desenvolvimento urbano, com estudos de caso em cidades que colocaram em prática as dimensões e diretrizes do DBUC (YIGITCANLAR; VELIBEYOGLU, 2008; MARQUES, 2016).

A principal estratégia de planejamento urbano no DUBC promove um *framework* de desenvolvimento colaborativo para todos os interessados (setores público e privado, academia, comunidade, etc.) no planejamento de políticas urbanas e regionais com estratégias pensadas no futuro e intensivas em conhecimento, que possam atrair e reter talentos e investimento e fomentar as cidades do conhecimento (KUNZMANN, 2009).

DUBC é um termo que abrange uma ampla gama de perspectivas sobre o relacionamento entre conhecimento, espaço e lugar no contexto dos discursos globais emergentes em torno da economia do conhecimento e a importância relativa de diferentes fatores para a produção. O que dá a entender que a economia do conhecimento tem um local específico para acontecer: a dimensão urbana (PERRY; MAY, 2010). O DUBC se orienta por quatro dimensões bem definidas, representadas na figura a seguir:

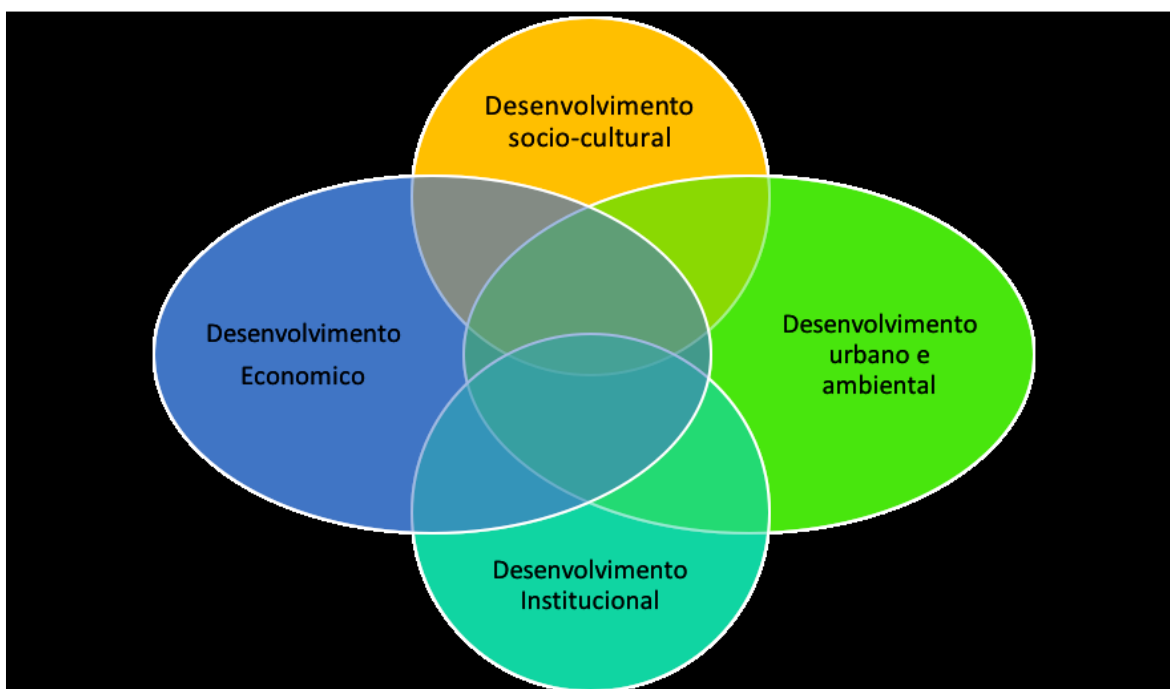


Figura 01

Dimensões do DUBC

Fonte: Adaptado de Yigitcanlar &amp; Lonnqvist (2013)

As dimensões do DUBC são: o desenvolvimento ambiental e urbano, o desenvolvimento institucional, o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento sócio cultural. Esses quatro pilares sustentam o DUBC, no entanto não apenas o desenvolvimento de cada um, mas as suas inter-relações é que fazem que o sistema funcione em seu conceito e proporcione para a cidade a qualidade de vida esperada por sua população.

O desenvolvimento sócio cultural fala sobre estratégias efetivas e a construção das habilidades, da qualidade de vida e o desenvolvimento social, intelectual das pessoas (YIGITCANLAR; LÖNNQVIST, 2013). Cambridge Science Park, no Reino Unido, é um exemplo onde o desenvolvimento está voltado para as pessoas, e são feitos esforços para criar oportunidades para que as pessoas colaborem e trabalhem juntas. Existe um espaço de convivência onde as pessoas podem comer e se encontrar. Essa convivência gera a criação de relações sociais e fortalece as redes informais de relacionamentos. Outro fator que influencia o desenvolvimento sócio cultural é a atividade administrativa informal e acessível, o que mantém as pessoas informadas e conectadas (PANCHOLI et. al., 2015). É importante estimular um clima agradável e incentivar a igualdade social e a inclusão das pessoas em sua diversidade e promover a conectividade entre elas (Fernandez-Maldonado and Romein, 2010; Yigitcanlar, 2011).

O desenvolvimento ambiental e urbano tem um foco muito forte na relação com o espaço que está sendo ocupado pelos clusters de conhecimento, a qualidade do lugar, uma identidade sustentável, original, com design urbano e a preservação do meio ambiente (YIGITCANLAR; LÖNNQVIST, 2013). Um exemplo da aplicação do DUBC em uma cidade é o Distrito 22@ Barcelona, na Espanha. De forma bastante sintética, o que aconteceu nessa cidade foi que existia uma área industrial bem localizada que com o passar do tempo

foi deixando de ser ocupada, se tornando obsoleta. O poder público encontrou ali uma oportunidade para criar não apenas um parque tecnológico ou de inovação, incubadoras, etc. de forma isolada, mas todo um bairro voltado para o desenvolvimento baseado no conhecimento. Fomentando assim o desenvolvimento de uma cidade do conhecimento, fazendo com que a economia criativa se interesse por um lugar onde os aspectos culturais e sociais se integram com as oportunidades de novos negócios (DUARTE; SABATE, 2013).

O desenvolvimento institucional consiste em uma administração pública voltada para supervisionar o desenvolvimento, as estratégias, a inclusão democrática e transparente da igualdade social. As políticas públicas urbanas e as estratégias que planejam o desenvolvimento da cidade buscam entregar uma agenda baseada em conhecimento (YIGITCANLAR; LÖNNQVIST, 2013). A participação das pessoas traz a comunidade para o centro da tomada de decisão, que é um fator chave de sucesso para o desenvolvimento sustentável. A ideia é que quando as pessoas podem participar do processo de construção e planejamento das estratégias e políticas públicas que as afetarão diretamente, há muito mais chances que suas necessidades serão atendidas de uma forma mais eficiente (MAHJABEEN; SHRESTHA, 2011)

A estratégia de um forte desenvolvimento econômico está baseada em uma indústria do conhecimento competitiva, criativa e inovadora (YIGITCANLAR; LÖNNQVIST, 2013). As primeiras cidades nasceram em locais onde aconteciam as trocas de mercadorias, sua produção e a organização das cidades estão fortemente ligadas ao conhecimento. Na era do conhecimento as atividades que envolvem o uso intenso do conhecimento tácito e/ou explícito, habilidades técnicas ou experiências adquiridas, são centrais para a criação da riqueza, a empregabilidade das pessoas e o crescimento da economia das cidades (YIGITCANLAR, 2010). Assim, o desenvolvimento econômico é condicionado ao conhecimento, principalmente o conhecimento que as pessoas possuem e utilizam para a produção dos bens e serviços.

O planejamento urbano torna-se, então, um desafio para a administração pública, que se apresenta nas mais diversas formas, entre elas, prover os serviços mais básicos para a população, o uso dos recursos naturais, infraestrutura necessária para uma cidade que preza pela qualidade de vida das pessoas, a atrair e reter os trabalhadores do conhecimento, entre outros (YIGITCANLAR, 2014; SURABHI et. al., 2015; HRMET & ISKE, 2015).

Dessa forma as indústrias intensivas em conhecimento tornaram-se a nova esperança para as cidades, formuladores de políticas públicas e agências de desenvolvimento das cidades, para tanto é preciso atrair e reter os talentos da economia criativa. As cidades precisam então ter locais adequados para apoiar a economia do conhecimento, o que se tornou prioridade na agenda de desenvolvimento urbano (SURABHI et. al. 2015; VELIBEYOGLU & YIGITCANLAR, 2010).

### **3.- Economia criativa**

De acordo com Sung (2015), economia criativa pode ser definida como uma política que visa gerar um novo crescimento através de operações econômicas que promovam a convergência entre criatividade, conhecimento e tecnologia científica avançada com base em coordenadas de aprendizagem. A noção de economia criativa tem suas primeiras menções em 1990 quando John Howkins, da Chairman of Tornado Productions Ltd,



empresa baseada em *web casting*, usou para título do livro a frase “*How people Make Money from Ideas*” (2001). Para Howkins (2001) tudo depende da capacidade do indivíduo sonhar, pensar, desafiar, discordar e inventar.

A economia criativa vem sendo enfatizada desde 2000 com o livro de Howkins e o livro de Richard Florida, “*The Rise of the Creative Class*” (2002), Peters et al. (2008). Ambos os autores falam sobre a criatividade humana como recurso econômico. A análise de Florida (2002) coloca a criatividade como força econômica e a emergência da classe criativa. O autor acredita que as localidades são lugares de grandes concentrações da classe criativa, servindo de espaços de troca e de transição, conhecimento e cultura.

Segundo o plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações 2011-2014, do Ministério da Cultura (2012), o potencial empregador, produtivo e inovador das atividades culturais e criativas são ainda pouco estudados, mas sua potência já é visível. Méndez et al. (2012) diz que o aumento das atividades integradas na denominada economia criativa se deve em primeiro momento a dissociação da tecnologia, advindos da sociedade da informação, para incluir atividades associadas a cultura, a conteúdos simbólicos, e onde os recursos intangíveis são peça essencial para gerar valor agregado. De acordo com Peters et al. (2008) a expressão da diversidade aparece como fonte central da cultura, e que todas as pessoas podem ser criativas.

A criatividade como base para uma nova abordagem da economia e da sociedade, segundo Tremblay (2011) encontra-se na interseção de uma teoria do capital humano, de uma política de reestruturação industrial e de uma estratégia de comunicação. Para Tremblay (2011) as indústrias criativas são parte de uma cadeia conceitual de criatividade que por sua vez chama um grupo social (*creative class*), um setor industrial (indústrias criativas), territórios (cidade criativas) e a economia inteira de uma sociedade (economia criativa).

Para Spencer (2012), criatividade é um processo social, que envolve conexões altamente repetitivas entre relacionamentos sociais e conhecimento. Também pode ser entendida, segundo Méndez et al. (2012) como a capacidade de fornecer respostas novas e mais eficazes frente aos desafios que indivíduos, sociedade e os territórios enfrentam. As atividades que exigem criatividade como potencial de desenvolvimento procuram enfatizar o papel das redes de capital e social, onde o criativo atua como integrador.

Para artistas e empresários a economia criativa é vista sob distintas formas. Os primeiros buscam reconhecimento de seu trabalho e veem como política cultural, enquanto o outro grupo a encara como política econômica baseada no conhecimento. A criatividade como política de comunicação parece mercantilizar de forma progressiva a cultura, colocando no mercado uma grande variedade de produtos com alto conteúdo simbólico e fomentando cada vez mais políticas públicas em benefício das atividades intensivas em conhecimento (MÉNDEZ et. al., 2012).

Com isso, a indústria criativa tem sido foco de discussões internacionais, sendo estimuladas por instituições como o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Estas instituições destacam o poder transformador que a economia criativa exerce no mundo de hoje. Grande parte dessas atividades vem do setor de cultura, moda, design, música e artesanato, outra parte é oriunda do setor de tecnologia e inovação.

Diferente da economia tradicional, de manufatura e grande escala como por exemplo a agricultura e a indústria de produção de bens e serviços em escala, a economia criativa, essencialmente, foca no potencial individual ou coletivo para produzir bens e serviços criativos. Exercendo forte impacto sobre o desenvolvimento urbano, a economia criativa tem ganhado relevância e pertinência devido ao fato das atividades criativas estarem entre as ações que mais contribuem para o crescimento de economias em desenvolvimento. De acordo com o Ministério da Cultura (2012), esta economia não está baseada na escassez, mas sim na abundância de talentos criativos para produção de bens.

A relevância das empresas criativas pode ser vista pela capacidade de transformar tipos de capital intelectual em talento criativo na produção de novos produtos e serviços ou novas formas de tomada de decisão (KON, 2016). Em países em desenvolvimento as indústrias criativas atuam principalmente de maneira informal. De acordo com Kon (2016), o potencial relevante das atividades criativas reside no fato de que elas usam como fatores de produção uma série de elementos que não são escassos nas economias em desenvolvimento. Assim, as políticas públicas e privadas destinam-se a explorar de forma vantajosa as atividades criativas e agregar valor nos produtos criativos.

A chave para a compreensão dos efeitos que a economia criativa exerce frente a outras economias, a partir de Florida (2002), podem ser observados sobre três fatores críticos: tecnologia, talento e tolerância. Para atrair pessoas criativas, gerar inovação, e estimular o desenvolvimento da economia, os espaços, localidades precisam ter os três fatores, (FLORIDA 2002). O fator Tolerância representa a abertura, inclusão e diversidade para todas as raças, estilos de vida, e etnias. O talento é definido pelo grau de instrução das pessoas, como graduação ou especialização. O fator Tecnologia exerce influencia sobre as concentrações inovativas e de alta tecnologia em uma região. A presença dos três fatores, acredita Florida (2002), são essenciais para um local verdadeiramente criativo.

#### **4.- Discussão e considerações finais**

Existem muitas características comuns entre a indústria criativa e o DUBC. Tanto as indústrias criativas quanto o DUBC dão ênfase no conhecimento e na criatividade. O DUBC como estratégia de desenvolvimento urbano cria e aplica o conhecimento produzido em benefício da cidade. De acordo com Cabrita et. al. (2013), o desenvolvimento urbano baseado em conhecimento é uma abordagem estratégica que visa tornar os espaços urbanos compatíveis com a economia do conhecimento. A criatividade é um dos recursos vitais para atrair investimentos e talentos para uma cidade, o *framework* proposto pelo DUBC traz um entendimento claro sobre a importância da indústria criativa para as cidades (CABRITA et.al., 2013).

A economia criativa procura impulsionar o desenvolvimento sustentável das cidades e promover criatividade, conhecimento, inclusão social e diversidade cultural. Com a implementação de políticas públicas voltadas ao fomento da economia criativa nas atividades intensivas em conhecimento, é possível vislumbrar um cenário onde as transformações ocorridas na cidade estão voltadas para a melhoria e desenvolvimento humano e social. De acordo com Nam e Prado (2011), uma cidade voltada para o ser humano é aquela que propicia múltiplas oportunidades para explorar o potencial de cada residente e guiá-los a uma vida criativa.

O desenvolvimento econômico e planejamento urbano estão se concentrando nos produtores e consumidores da economia criativa como base para o crescimento de cidades bem-sucedidas (CABRITA et.al., 2013). Em razão disso, essa discussão foi proposta para aferir sobre as relações das dimensões apresentadas pelo DUBC com os fatores críticos propostos por Florida (2002) a respeito da economia criativa.

Transformar os espaços urbanos em regiões do conhecimento, construir uma economia forte, um ambiente sustentável, oferecer desenvolvimento sociocultural é o esperado para os espaços urbanos. Com base no que foi apresentado, deve-se fomentar políticas públicas que considere a capacidade criativa das pessoas, o espaço com propósito integrativo para troca de ideias, e que propicie a diversidade de ideologias e costumes. A seguir será apresentado como os fatores levantados por Florida (2002) podem influenciar na orientação das ações exigidas pelas dimensões do DBUC.

Dentre os três fatores; inicia-se pelo território, local propicio para troca de saberes e para convívio e interação social. O modelo de desenvolvimento estratégico DUBC procura fazer com que os espaços urbanos sejam compatíveis com a economia do conhecimento. Oferecer lugares onde as pessoas possam trocar ideias, interagir e conviver socialmente sem quaisquer atritos conflitivos de natureza preconceituosa, propicia maior integração entre as partes envolvidas. O território também pode ser utilizado como espaços de reprodução, onde seus frequentadores podem utilizar o local como um ponto de partida, como uma base ou ponto de referencia. Assim a classe criativa pode, por exemplo, saber que em determinado local será possível encontrar pessoas e conhecimento que possa lhe servir de apoio. Na dimensão tolerância, o planejamento de uma cidade para abrigar as indústrias intensivas em conhecimento deve considerar as diferentes posições ideológicas, morais, culturais e sociais das pessoas que fazem parte dela. Se faz necessário fomentar políticas públicas direcionadas à ações que visam aceitar valores e moralidades que divergem da orientação vigente. Proporcionar acessibilidade e meios integrativos predispõe a aceitação das mais diversas contradições sejam elas de natureza cívica, moral, cultural ou física.

Sendo a diversidade um elemento primordial para a construção de novos pontos de vista, essa deve ser estimulada e apoiada por administradores públicos. Na dimensão talento, a classe criativa representa uma forma de capital que traz benefícios econômicos e uma parte muito forte na constituição da população em uma cidade que se desenvolve com base nos princípios do DBUC. Costuma-se ouvir, como apresenta Walter Isaacson em seu livro “Os inovadores” (2014) que se propõe a investigar como os criativos transformam ideias desconcertantes em realidade, que pessoas criativas geralmente apresentam padrões sociais distintos dos convencionados. Generalizando, os criativos, apresentam comportamentos ditos antissociais, com pensamentos que fogem do senso comum e que apesar de comunicativos preferem estar sozinhos. O grande desafio é atrair e reter pessoas com esse perfil.

## Referencias

Yigitcanlar, T., Innovating urban policymaking and planning mechanisms to deliver knowledge-based agendas: A methodological approach, International Journal of Knowledge-Based Development, 2014,

Yigitcanlar, T., Knowledge-based urban development processes of an emerging knowledge city: Brisbane, Australia, A/Z ITU Journal of the Faculty of Architecture, 2011.

Velibeyoglu, K., Yigitcanlar, T., An evaluation methodology for the tangible and intangible assets of city-regions: The 6K1C framework, International Journal of Services, Technology and Management, 2010.

Marques, J. S. Reforming Technology Company Incentive Programs for Achieving Knowledge-Based Economic Development: A Brazil-Australia Comparative Study. Tese, 2016.

Kunzmann, K. (2009): The strategic dimensions of knowledge industries in urban development. *disp*, 45 (1), pp. 40–47.

Perry, B., May, T., Urban knowledge exchange: Devilish dichotomies and active intermediation, International Journal of Knowledge-Based Development, 2010.

Yigitcanlar, T., Lönnqvist, A., Benchmarking knowledge-based urban development performance: Results from the international comparison of Helsinki, Cities, 2013.

Romein, A., Fernández-Maldonado, A.M., Trip, J.J., Delft blues: The long road from university town to knowledge city, International Journal of Knowledge-Based Development, 2011.

Duarte, F., Sabaté, J., 22@Barcelona: Creative economy and industrial heritage - a critical perspective, Theoretical and Empirical Researches in Urban Management, 2013.

Shrestha, K.K., Mahjabeen, Z., Civic science, community participation and planning for knowledge-based development: Analysis of Sydney Metropolitan Strategy, International Journal of Knowledge-Based Development, 2011.

Yigitcanlar, T., Making space and place for the knowledge economy: Knowledge-based development of Australian cities, European Planning Studies, 2010.

Cabrita, M.R., Cruz-Machado, V. and Cabrita, C. (2013) 'Managing creative industries in the context of knowledge-based urban development', *Int. J. Knowledge-Based Development*, Vol. 4, No. 4, pp.318–337.

Pancholi, S., Yigitcanlar, T., Guaralda, M., Place making facilitators of knowledge and innovation spaces: Insights from European best practices, International Journal of Knowledge-Based Development, 2015.

Van Hemert, P., Louis Iske, P., Framing knowledge-based urban development and absorptive capacity of urban regions: A case-study of Limburg, the Netherlands, International Journal of Knowledge-Based Development, 2015.

Howkins, J. *The Creative Economy: How People make Money from Ideas*. London: Allen Lane, 2001.

Florida, R. *The Rise of the Creative Class*. New York: Basic Books, 2002.

Florida, R., Gates, G., Knudsen, B. and Stolarick, K. 'The University and the Creative Economy', 2006. Disponível em: <[http://www.creativeclass.org/rfcgdb/articles/univ\\_creative\\_economy082406.pdf](http://www.creativeclass.org/rfcgdb/articles/univ_creative_economy082406.pdf)>.

Peters, M. A., Belsey, T. Academic Entrepreneurship And The Creative Economy. Thesis Eleven, Number 94, August 2008.

Sung, T. K. Application of information technology in creative economy: Manufacturing vs. creative industries. Technological Forecasting & Social Change 96, 2015.

Tremblay, G. Criatividade e Pensamento Crítico. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, 2011.

Waite, G., Gibson, C. Creative Small Cities: Rethinking the Creative Economy in Place. Urban Studies, 2009.

Nam, T; Pardo, T. Conceptualizing smart city with dimensions of technology, people and institutions. Proceedings of the 12th Annual International Digital Government Research Conference: Digital Government Innovation in Challenging Times. ACM, 2011.

Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011 – 2014. Brasília, Ministério da Cultura, 2012. Disponível em: <<http://cultura.gov.br/documents/10913/636523/PLANO+DA+SECRETARIA+DA%20+ECONOMIA+CRIATIVA/81dd57b6-e43b-43ec-93cf-2a29be1dd071>>.

REIS, A. C. F., Economia da Cultura e Desenvolvimento Sustentável – o caleidoscópio da cultura. São Paulo: Manole, 2006.

**Para Citar este Artigo:**

Carneiro, Mônica Ramos; Binda, Renan; Costa, Eduardo Moreira da y Ulbricht, Vania Ribas. A economia criativa no contexto do desenvolvimento urbano baseado em conhecimento. Rev. Cs. Doc. Num. Especial Abril - Junio 2017, ISSN 0719-5753, pp. 35-43.

**221 B**  
WEB SCIENCES

**ciKi**

Revista  
**CD**  
Ciencias de la  
Documentación

Las opiniones, análisis y conclusiones del autor son de su responsabilidad y no necesariamente reflejan el pensamiento de la **Revista Ciencias de la Documentación**.

La reproducción parcial y/o total de este artículo debe hacerse con permiso de **Revista Ciencias de la Documentación**.